

A importância do ensino da língua estrangeira nas fases iniciais e a necessária mudança no currículo e na formação do professor

SARA GONÇALVES RABELO

Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU
E-mail: saragrabelo@gmail.com



Resumo: Este trabalho objetiva mostrar a importância da inserção da Língua Estrangeira (LE) na Educação Infantil e Anos Iniciais assegurando o pleno desenvolvimento tanto na Língua Materna quanto na Estrangeira. Inicialmente, é necessário ressaltar que a LE, sendo mais comum a Inglesa, só é obrigatória nos Anos Finais do Ensino Fundamental, todavia, a inserção da segunda língua já é efetuada em escolas da rede privada e municipal em algumas localidades, o que tem se mostrado eficiente, se feito de forma a explorar todas as competências linguísticas e literária. Tudo isso com o fito de ressaltar a necessária mudança dos parâmetros que regem a educação básica brasileira e de mostrar quão benéfico é o estudo de um segundo idioma ainda na fase de aquisição da língua materna, além da importância do professor e das estratégias utilizadas em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino. Gramática. Língua Inglesa.

Abstract: This work aims to show the importance of the insertion of a Foreign Language (LE) in Early Childhood Education and Early Years, ensuring full development both in the mother tongue and in the foreign language. Initially, it is necessary to emphasize that the LE, being English more common, is only mandatory in the Final Years of Elementary Education, however, the insertion of the second language is already carried out in private and municipal schools in some locations, which has been shown to be efficient, if done in a way that exploits all language and literary skills. All of this in order to highlight the necessary change in the parameters that govern Brazilian basic education and to show how beneficial it is to study a second language still in the mother tongue acquisition phase, in addition to the importance of the teacher and the strategies used in the classroom of class.

Keywords: Teaching. Grammar. English Language.

Introdução

Este trabalho intenta mostrar que há, em virtude da globalização e da constante aproximação das crianças com as novas tecnologias, a necessidade de apresentar a elas uma segunda língua ainda na alfabetização ou, no máximo, nos Anos Iniciais, pois, com a influência do meio externo, os infantes já estão inseridos em um

contexto com palavras de outro idioma e, muitas vezes, já sabem identificá-las. Ademais, com a ampliação das formas como adquirimos informação, é possível ver como está obsoleto adquirir determinados conteúdos somente através de materiais impressos. Desse modo, constatamos que saber uma segunda língua aumenta as possibilidades de mercado e amplia as oportunidades.

Portanto, dominar uma segunda ou mais línguas vem se tornando uma necessidade imediata, o que leva muitos pais a se preocuparem com a inserção das crianças nas escolas de idiomas ou escolas bilíngues. Todavia, essa preocupação está, na verdade, relacionada ao futuro da criança, uma vez que saber um ou mais idiomas é um diferencial no mercado de trabalho atual. Além disso, com a globalização e as facilidades que a internet propicia, aqueles que dominarem o Inglês ou outras línguas terão mais facilidades para acompanhar os avanços sociais, serão capazes de comunicar sem o auxílio de um terceiro, de ler artigos, de acompanhar videoconferências, ou seja, serão cidadãos do mundo, o que estende as possibilidades e as oportunidades.

Essa preocupação está relacionada à infância. A atual geração de pais conhece a real necessidade do segundo idioma. Muitos deles tiveram a oportunidade de estudar a Língua Estrangeira (LE), mas não souberam aproveitá-la em virtude de diversas questões. Perceberam que, na fase adulta, possuem dificuldade para aprender uma segunda língua em virtude da família, trabalho, entre outras questões. Logo, muitos responsáveis se preocupam com a inserção do segundo idioma na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, entretanto não há a obrigatoriedade desse ensino antes dos Anos Finais. No entanto, muitas escolas da rede privada e algumas da rede municipal já inseriram o ensino de língua inglesa, por exemplo, no cotidiano escolar. Assim, este estudo intenta reafirmar a importância da valorização do ensino do segundo idioma ainda nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Todavia, o ensino da LE na rede pública não acompanha as exigências atuais, pois a inserção desta na sala de aula não se faz de forma efetiva, em decorrência de vários fatores, o que gera, em alguns casos, a repulsa pela disciplina, sendo desprezada a contribuição da LE para a formação intelectual da criança. Desse modo, apesar da constante afirmação sobre a necessidade do ensino de uma segunda língua, é notória a discrepância entre os ensinos municipal, estadual e privado, o que inviabiliza o ensino antes do 6º ano do Ensino Fundamental em todas as esferas.

A questão aqui debatida gira em torno da necessidade da real inserção do aluno na língua alvo. Enquanto o governo viabiliza um ensino muitas vezes precário, sem recursos didáticos adequados, o ensino privado já insere a LE na grade horária da criança desde a Educação Infantil. Por outro lado, na esfera municipal, é livre o ensino de uma segunda língua. A cidade de Londrina, no estado do Paraná, por exemplo, já vem fazendo um trabalho diferenciado ao inserir a LE no Ensino Fundamental I, o que deveria ser estendido para outras instituições públicas em contexto federal.

Por isso, a necessidade do contato com a LE desde a Educação Infantil ou, no máximo, a partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental, já que a alfabetização de uma segunda língua pode ocorrer concomitante à primeira. Assim sendo, este trabalho propõe expor quais são as contribuições da inserção da língua inglesa no contexto escolar da criança; quais as possíveis formas de se trabalhar a LE, qual o papel do professor nesse contexto e a importância da leitura como um todo.

De forma geral, é necessário abordar a importância do ensino da LE na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, além da idade da criança, ou seja, a iniciação da segunda língua concomitante à alfabetização em língua materna; a formação do professor; e as ferramentas que podem ser utilizadas para o ensino da LE, focando, principalmente, na Língua Inglesa. Desse modo, este trabalho será desenvolvido pensando, inicialmente, na capacidade cognitiva da criança nessa etapa da vida, e, posteriormente, será debatida a necessidade de uma formação específica do professor e apresentadas possíveis ferramentas que podem ser utilizadas atualmente.

A idade ideal para o ensino de LE

Várias teorias que debatem o desenvolvimento e a aprendizagem foram desenvolvidas no decorrer da história e são utilizadas quando é feita a discussão sobre a aquisição de Língua Materna e Língua Estrangeira. De acordo com Gómez (2000, p. 27-28), “toda intervenção educativa necessita apoiar-se no conhecimento teórico e prático”. Além disso, ao falar de educação, ensino ou aquisição de linguagem, é inevitável mencionar as teorias de Vygotsky.

As teorias vygotskianas interpretam a linguagem como inerente ao ser humano e afirmam que ela se torna um instrumento de domínio do mundo, transformando o ser biológico em ser histórico. Assim, cada indivíduo constrói o seu aprendizado a partir da interação com ambientes naturais e em interação com o meio, o que pode ser visto no que diz Santos (2009, p. 29):

As teorias de Vygotsky inserem-se em uma perspectiva sociocultural de aprendizagem, em que entende ser o processo de desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo ocorrido no social. O cenário sociocultural é visto por ele como fator determinante no desenvolvimento humano. As atividades mentais (cognitivas) e socioculturais são ligadas por meio de um relacionamento dependente que se desenvolve durante a formação de conceitos. O ser humano, aprendiz único, não é visto como um conhecedor pronto e acabado. É a interação que lhe propicia meios para prosseguir a se desenvolver.

Isso ressalta que não podem ser ignorados os conhecimentos adquiridos pela criança no meio sociocultural no qual ela está inserida. Por isso, subsidiar o infante para que ele possa se desenvolver em língua materna e em língua estrangeira é fundamental para o desenvolvimento cognitivo nas duas línguas. O desenvolvimento de uma língua não irá prejudicar o desenvolvimento da segunda. Segundo Pereira e Peres (2011, p. 41),

A linguagem é um processo natural do desenvolvimento das capacidades do ser humano e que ele aprenderá qualquer língua da mesma forma que um pássaro aprenderá a voar. Neste mesmo sentido, percebemos que a função da linguagem no desenvolvimento humano é insubstituível e que qualquer indivíduo possui capacidade para aprender o idioma ao qual for exposto.

Portanto, a exposição ao idioma, independentemente da idade, não causa prejuízo no desenvolvimento da criança. Segundo Penfield e Roberts (1991) e Lennenberg (1967), a infância é o período ideal para o início dos estudos da língua, pois é nesse período que a criança desenvolve as habilidades cognitivas. Apesar de ainda ser possível o aprendizado, quanto mais tarde for iniciado o ensino, maior será a dificuldade não só por questões cognitivas, mas também pela sobrecarga de atividades e exigências sociais. Para Lennenberg (1967, p. 22),

a idade crítica para a aprendizagem de uma língua estrangeira, sem que haja o comprometimento neurológico, reside entre os vinte e um e os trinta e seis meses de vida da criança. Entretanto, até os doze anos de idade ela ainda consegue aprender sem muito esforço.

A partir dessa idade, treze e quatorze anos, o ser humano começa a perder a capacidade de assimilação e aprendizagem, o que torna o aprendizado mais difícil, mas nunca impossível, ou seja, só será necessário um maior empenho tanto do professor quanto do aluno. Já Kramer (2005) postula o mesmo que Lennenberg (1967), porém modifica a questão da idade, afirmando que o melhor momento para iniciar a criança na língua estrangeira é por volta dos quatro até os dez anos de idade, pois nessa fase o cérebro ainda é maleável para adquirir uma segunda estrutura linguística.

Outros estudiosos, como Jacobs (1999), por exemplo, afirmam que, para a criança alcançar o nível intermediário, seriam necessárias cerca de mil e duzentas horas de exposição. Considerando que o aluno é exposto à língua somente duas vezes por semana em horários de cinquenta minutos, seriam necessários dez anos para alcançar esse nível. É desconsiderado ainda que as aulas são ministradas quase que inteiramente em língua portuguesa por diversos fatores. Ademais, devem ser considerados outros empecilhos, como a falta de material, disciplina em sala de aula, interesse do aluno, preparação do professor, entre outros.

Todavia, Krashen (1987) afirma que o conhecimento só será internalizado se a criança possuir maturidade psicológica e linguística para isso. Portanto, promover o total contato com a língua não será garantia de que a criança irá internalizar todas as estruturas gramaticais. Isso fica claro na fala de Pereira e Peres (2011, p. 26), para os quais “os conhecimentos que estiverem além de seu alcance serão apenas memorizados e não internalizados e, certamente, o aprendiz não fará uso e nem aplicações práticas desses conhecimentos”.

Segundo Lima (2008), antes de a criança começar a externalizar a estrutura da língua, ela precisa internalizá-la por meio do contato direto, sendo importante sempre instigar e apresentar estruturas além daquelas já conhecidas:

A interação significativa pode e deve ocorrer em sala de aula, porém, para produzir e se comunicar, a criança precisa ter acesso a um insumo compreensível. Segundo a hipótese do *input*, o aprendiz deve receber bastante insumo, este insumo recebido deve ser relevante, as estruturas devem estar sempre um pouco além do que o aprendiz já sabe ($i + 1$), e não deve haver uma sequência gramatical. (LIMA, 2008, p. 301).

Portanto, quanto à idade ideal para o aprendizado da LE, muitas pesquisas foram e são desenvolvidas, mas é nítido que este não é único fator que influencia a ineficiência do ensino da LE em sala de aula no ensino regular, principalmente no contexto público. Outro problema recorrente é o foco somente no aspecto gramatical, todavia isso não condiz com o que é postulado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o qual afirma que o foco na leitura é mais adequado durante o ensino da LE, uma vez que atende as necessidades dos alunos provenientes das escolas públicas, mas não há planos de ação efetivos que auxiliem o professor nessa tarefa. Além disso, não há menção ao ensino de LE na Educação Infantil ou Anos Finais do Ensino Fundamental nos PCNs.

É fundamental que o ensino de língua estrangeira seja balizado pela função social do conhecimento na sociedade brasileira. Tal função está relacionada ao uso que se faz de língua estrangeira via leitura, embora se possa também considerar outras habilidades comunicativas. (BRASIL, 1998, p.15).

Isso significa que o ensino da LE deve unir as quatro competências linguísticas – *writing, speaking, listening e reading* – e focar não só na vivência do indivíduo, mas também na sua capacidade, mesmo que deficitária, de ler e entender textos em língua estrangeira de acordo com o nível de cada um.

A formação do professor de LE e o ensino das habilidades linguísticas

Cada ser humano possui suas próprias características e necessidades que devem ser respeitadas, e não seria diferente quando falamos do ensino de língua estrangeira. O professor de LE é um professor além do que os alunos já estão acostumados no contexto escolar. Para muitos, a aula de inglês, ou outras línguas, é uma aula diferenciada, na qual eles podem aprender conteúdos que estão além do seu acesso quando falamos do ensino na Educação Infantil ou Ensino Fundamental Anos Iniciais. Assim sendo, o professor é uma parte fundamental para essa formação, já que é primordial para que a criança goste do que está sendo ensinado.

Segundo Figueiredo (1997), oportunidades para a aprendizagem, motivação para aprender e diferenças individuais são ainda fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem. Como já fora visto, após determinada idade a criança ou adolescente pode enfrentar certa dificuldade para assimilar outro idioma, entretanto o papel do professor será um incentivo no ensino dos Anos Iniciais e dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Desse modo, o educador precisa ser capaz de promover a interação entre os alunos e propiciar uma plena interação professor-aluno e aluno-aluno, fazendo o que Bakhtin (1992) chama de “interação verbal social dos locutores”. Todavia, o que é visto nos livros didáticos que falam sobre a língua é que a interação não é priorizada. Há uma intensa preocupação com o ensino de vocabulário e da gramática, o que é feito, na

maioria dos casos, sem uma contextualização, e a preocupação com a comunicação e leitura é deixada à parte nesse primeiro momento.

Na esfera pública, isso é mais preocupante, já que a língua só passa a ser estudada a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Além disso, seria necessária a preparação dos profissionais para o ensino da LE, ou seja, um foco ainda no processo de formação do professor dos Anos Iniciais para que o segundo idioma seja inserido na grade curricular básica da educação brasileira – o que não aconteceu nas recentes mudanças e adequações que estão sendo implementadas pelo governo. Assim sendo, o professor responsável pela segunda língua deve ter pleno conhecimento da área e estar atento às características de aprendizagem dos diferentes níveis, logo a postura de um professor do 5º ano será diferente do professor do 1º ano do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, o que deveria ser exposto nos cursos de formação de professores.

Na fase de alfabetização e letramento, a criança busca usar de forma efetiva aquilo que está sendo ensinado em sala de aula. A descoberta de novas palavras motiva diariamente a criança a estudar e a fazer as atividades propostas. Mas, quando falamos de LE, a criança, na fase de alfabetização, ainda não consegue entender os propósitos de uma língua que não será utilizada efetivamente. Por isso, ao lidar com a fase de alfabetização, o professor deve ter uma postura diferenciada e buscar estratégias que façam com que a criança veja que a LE pode ser usada efetivamente. O professor deve, então, sempre buscar atividades lúdicas, que incentivem a criança a praticar e a ver a língua no seu dia a dia.

O educador deve ser capaz de propiciar ao aluno uma nova percepção sobre a linguagem e promover uma aceitação sobre aquilo que é diferente, expondo a cultura e os hábitos, sendo esta também uma forma de aceitar as diferenças internas da sala de aula, da escola e até do país. Muitas escolas oferecem estrutura diferenciada, como lousa digital e laboratórios, e o professor de LE pode explorar esses recursos e fazer com que as aulas se tornem mais dinâmicas e divertidas, mas é preciso, além das mudanças nos PCNs, propiciar o acesso a esse tipo de material dentro da sala de aula na escola pública.

Segundo os PCNs, no que concerne ao Fundamental II,

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção com sujeito do discurso via língua estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados, por intermédio da utilização de uma língua estrangeira. (BRASIL, 1998, p. 19).

Portanto, pelo público ser infantil, é preciso respeitar a etapa de aprendizagem individual e oferecer um ambiente adequado para o desenvolvimento. O ensino deve ser feito gradualmente e corresponder à realidade do aluno, ao mesmo tempo em que a criança deve ser capaz de produzir e identificar aquilo que está ao seu alcance neste determinado momento. Segundo Santos (2009), a LE deve oferecer ao aluno a oportunidade de desenvolver audição, fala, escrita e leitura, ou seja, diferentes

estratégias e habilidades. Além disso, para Cameron (2001), não há formas suficientemente efetivas para se ensinar uma segunda língua.

Outro teórico que buscou entender a capacidade humana de aprender línguas foi Brown (1994), o qual descreve a experiência de Goïun, teórico da época. Goïun postulava que, para aprender uma língua, era necessário somente repetir e decorar as palavras e, em um momento de sua vida, decidiu se isolar e aprender alemão sozinho. Após anos de estudos repetitivos de gramática, Goïun acreditava já saber o suficiente para obter uma comunicação efetiva, entretanto após um teste de proficiência na língua o teórico foi reprovado. A maior surpresa não foi a reprovação, mas o fato de que não entendera nada que fora perguntado em virtude da falta de interação linguística. Portanto, isso deixa clara a necessidade de o professor trabalhar com todas as competências e, assim, promover o desenvolvimento da criança considerando o contexto em que ela está inserida.

Segundo Santos (2009), em uma leitura feita sobre Cameron (2001), “aprendizes de língua, especialmente iniciantes, entendem mais do que conseguem falar e não devem ser cobrados quanto à escrita ou fala sem que estejam preparados para tal (período de silêncio)” (SANTOS, 2009, p. 36-37). Desse modo, é de extrema importância o uso da audição durante a aula, pois mostra à criança como a língua funciona. Embora não sejam compreendidos todos os elementos da frase, o infante começa a entender a língua e a assimilar pequenas estruturas que mais tarde passarão a ser utilizadas.

Ademais, o chamado período de silêncio acontece também no aprendizado da língua materna. A criança escuta os comandos maternos e paternos, mas só começa a balbuciar palavras e construir frases após um período razoável. Portanto, é fundamental que termos, diálogos e expressões na língua alvo sejam constantemente escutados como uma forma de assimilar a estrutura da língua. O professor deve usar a LE constantemente para familiarizar a criança aos sons do novo idioma, fazendo um processo similar ao que acontece na aquisição da língua materna. Assim, o professor precisa ter consciência do seu papel em sala de aula não só como um transmissor da língua, mas também como um construtor do conhecimento. A associação entre objetos através de figuras e imagens, tentando ao máximo evitar traduções, por mais difíceis que sejam, é extremamente importante. Logo, o professor deve estar bem preparado para lidar com perguntas e preparar a aula com o intuito de que seja uma aula de LE e não somente a tradução de palavras.

Quanto a oralidade, Santos (2009) afirma que ela é uma habilidade classificada pelos professores como “difícil de ser desenvolvida”, já que muitos professores encontram dificuldade em se expressar oralmente na LE. Além disso, é preciso que os alunos conheçam vários elementos da língua, como a estrutura, gramática e vocabulário. Todavia, a criança deve ser familiarizada já com pequenas frases, comandos, cumprimentos, entre outros, pois, segundo Santos (2009),

a oralidade só pode ser desenvolvida e compreendida mediante uso da linguagem de forma significativa, no contexto em que seus falantes estão inseridos. Assim, tanto a audição quanto a fala são usos ativos da linguagem; a primeira, para acessar significados de outros indivíduos e a segunda, para expressar-lhes significados. (SANTOS, 2009, p. 37).

Desse modo, a criança deve ser estimulada pelo professor por meio de exercícios simples que a motivem a usar as estruturas ensinadas. O professor pode fazer uso de *posters*, cartazes, entre outros recursos, para que haja estímulos tanto na aula de inglês, quanto no decorrer do dia escolar. Ademais, é preciso também que o aluno desenvolva a leitura em LE já nas séries iniciais, quando os alunos já são capazes de ler na língua materna. De acordo com Santos (2009),

A leitura de LE pode ser desencadeada de diferentes maneiras, por meio do aprendizado dos sons e letras, leitura de palavras, mediante o uso de *flashcards*, ou ainda, de frases, desde que veiculem sentido e não sejam apresentadas isoladas. Com crianças mais jovens, podem-se introduzir palavras escritas no contexto, para que experienciem materiais impressos, atraindo, desta forma, a atenção e auxiliando-os a relacionar formas orais e escritas. (SANTOS, 2009, p. 39).

Em suma, o papel do professor supera o de um transmissor de conhecimentos estruturais. É ele o responsável, por meio de recursos linguísticos e literários, por apresentar à criança o universo cultural da nova língua.

Ferramentas para o ensino de le para crianças

Há muitas formas de se ensinar uma língua diferente da materna para uma criança, e o professor dispõe de vários recursos atualmente. Na internet, são inúmeros os *sites* que oferecem subsídios para que o professor faça com que a sua aula seja interessante e divertida para as crianças. Não entraremos aqui nas dificuldades estruturais de cada localidade, além do fato de que o professor, muitas vezes, precisa dispor de recursos próprios para que a atividade de ensino-aprendizagem seja efetiva, mas é preciso ter consciência dessas questões.

Serão abordados aqui alguns recursos que o professor dispõe quando falamos do ensino de língua inglesa para crianças, por ser a LE mais difundida. Ademais, é possível constatar que há muitas formas de fazer com que a aula se torne mais atrativa, portanto serão abordados alguns recursos como o uso de histórias infantis, atividades em meio digital, teatro de fantoches, pintura, mímicas, músicas, dramatizações, entre outras que constituem atividades lúdicas e são boas estratégias de ensino nos Anos Iniciais.

As histórias infantis (HI) são uma das formas de ensino mais defendidas por estudiosos da área, já que são motivantes e auxiliam no desenvolvimento da imaginação, segundo Tonelli (2005), o qual afirma que

um dos autores que defendem o uso de HIs no ensino da LI como LE para crianças, acredita que estas contemplam a necessidade infantil por temas representativos e, por esta razão, podem contribuir para o sucesso no ensino de línguas. Segundo ele, a) as HIs são significativas; b) as crianças as escutam com um propósito claro que é o de

compreender o enredo da mesma; e, em se tratando de estar em língua inglesa, c) a própria língua torna-se ao mesmo tempo instrumento e objeto de ensino. (TONELLI, 2005, p. 40-41).

Desse modo, os alunos conectam a fantasia e o mundo real, o que, segundo Vygotsky (2003, p.153), é “uma experiência oposta à realidade, porém com suas raízes nas experiências reais do ser humano, pois, por mais que imaginemos uma criatura, uma situação, um mundo, determinadas características destes terão algo em comum com o mundo real”. Ademais, as histórias infantis, podem ser adaptadas de forma que incentivem a criança a repetir naturalmente o vocabulário e as estruturas linguísticas. O aluno pode ser instigado a antecipar a linguagem, mesmo não conhecendo todas as palavras do texto. Segundo Tonelli (2005, p. 43), o professor pode “por meio do trabalho com histórias, [...] introduzir ou revisar a língua em contextos variados e familiares, o que enriquecerá o pensamento do aluno e, depois, progressivamente, constituirá o seu conhecimento linguístico”.

As histórias escolhidas devem ser próximas da situação real de vida da criança e possuir temas significativos. Devem satisfazer a curiosidade infantil e entretê-las, estimulando a imaginação, desenvolvendo o intelecto e enriquecendo a vida das crianças. Segundo Tonelli (2005), a relação entre livros e crianças é fruto de uma identificação. O professor deve ser capaz de interagir e fazer com que a criança descubra qual tipo de obra chama mais a atenção.

O relacionamento da criança com o livro se faz por meio de uma adesão afetiva, resultado de uma identificação. Assim, quando se fala em literatura para crianças, é necessário reconhecer o papel que o leitor desempenha nesse processo, considerando-o não apenas como um receptor passivo de mensagens e ensinamentos, mas, acima de tudo, um indivíduo ativo, que aceita ou não o texto, conforme o percebe vinculado ou não ao seu mundo. (TONELLI, 2005, p. 51).

Quanto ao ensino de língua inglesa por meio de tecnologias, é possível ver que a chegada do computador mudou a forma como é desenvolvida a aprendizagem do segundo idioma. E a utilização do computador com acesso à internet é primordial, já que a grande maioria das crianças já aprende a utilizar o *tablet* e o *smartphone* antes mesmo dos primeiros passos.

De acordo com Schaff (1992, p. 73-74),

o computador é um produto do homem, portanto é parte da sua cultura. Esta tecnologia está destinada a revolucionar o processo de formação da cultura e hoje já testemunhamos o início desta revolução. O computador servirá a muitos fins: como supermemória artificial que aliviará bastante a carga de memória humana hoje necessária, tornando assim muito mais fácil o processo de ensino; como executor, com uma rapidez surpreendente, de operações combinatórias.

Com isso, a oferta de conteúdos não poderia ficar para trás, já que é fácil o acesso a sites como o *youtube*, que oferece uma infinidade de atividades. Há ainda sites como o *els game plus* e o *games to learn english*, que podem complementar as atividades que foram feitas em sala de aula através de jogos. Utilizar a internet como instrumento para promover a educação fez com que houvesse uma mudança no que era postulado até o momento. O professor não é mais o único informante, mas há uma numerosa fonte de informações dentro da rede mundial de computadores. O professor passa a ser um mediador e um construtor de conhecimento junto aos alunos, pois é aquele que de repente aprende. Durante o processo de aprendizagem, o professor precisa ter consciência de que o aluno também trará para a sala de aula curiosidades sobre o tema exposto, e professor e aluno poderão promover um debate, por isso as duas partes estão também em constante aprendizado.

Ademais, a comunicação que pode ser estabelecida vai além da escola, os alunos podem praticar as competências linguísticas de uma forma mais fácil e prazerosa. É possível investigar as diferenças linguísticas através do contato com pessoas do mundo inteiro. Há a adaptação a ritmos diferentes, o que, segundo Marchini (2009) muda o ritmo das descobertas de informações por acerto e erro, desenvolve a intuição e a flexibilidade mental devido a não linearidade das conexões, que se ligam por hipertextos. Dentro do hipertexto existem vários links, que permitem tecer o caminho para outras janelas, conectando algumas expressões com novos textos, fazendo com que estes se distanciem da linearidade da página e se pareçam mais com uma rede que oferece possibilidades diferentes de navegação. (MARCHINI, 2009, p. 10).

Através da tecnologia, também é possível utilizar de maneira ampla as músicas em sala de aula, e há um vasto número de músicas clássicas e outras produzidas recentemente para o público infantil, canais como o *Mother Goose Club* e o *Super Simple Songs* contam com mais de três milhões e mais de quatro milhões de inscritos, respectivamente, no *youtube*, o que mostra a popularidade desse tipo de músicas.

Segundo Gobbi (2001),

Quem não lembra de, pelo menos, uma música que tenha aprendido na infância, ou trechos de músicas de sua época de adolescente? Em 1965, Osman, citado por Murphey (1990a, p.143), reforça o conceito de Gravenall (1949) quanto a memorabilidade das letras de músicas, fazendo alusão ao fenômeno chamado SSIMH (*song-stuck-in-my-head*), ou seja, a música fixa em minha mente. A autora observou que os alunos, muitas vezes, conseguiam lembrar músicas completas na língua que haviam estudado, sem, talvez, serem capazes de falar mais do que poucas palavras livremente nessa mesma língua. (GOBBI, 2001, p. 24).

Isso mostra que é possível realizar atividades que despertam o interesse dos alunos, ao mesmo tempo em que se praticam todas as competências linguísticas necessárias para alcançar a fluência. Desse modo, há um amplo número de práticas que

podem ser utilizadas pelo docente e várias ideias possíveis de serem adaptadas e trabalhadas com crianças desde a educação infantil.

Considerações finais

Este trabalho reacendeu alguns debates, mas, principalmente, tentou mostrar a importância da iniciação à aprendizagem da segunda língua ainda na Educação Infantil/Fundamental dos Anos Iniciais, além da necessidade da formação de professores habilitados para lidar com esse desafio e a importância de fugir do ensino clichê desenvolvido atualmente, o qual prioriza a escrita em detrimento da fala e leitura.

A questão aqui debatida em torno da necessidade da real inserção do aluno na língua alvo ainda carece de aprofundamento, principalmente em relação ao descaso governamental em relação ao ensino da LE, pois faltam recursos didáticos adequados, além de estrutura que contemple todos os alunos. Por outro lado, o ensino privado, que já insere a LE na grade horária da criança desde o Ensino Infantil, mostra como é importante o ensino da segunda língua, e a esfera municipal mostra um trabalho diferenciado ao inserir a língua estrangeira no Ensino Fundamental I, o que deveria ser estendido para outras instituições públicas em sentido federal.

Além disso, há ainda poucos estudos que abordem o ensino da LE vinculado principalmente à Educação Infantil – aqui não foram analisados contextos das escolas bilíngues. Também não há referências ao ensino de acordo com a Base Curricular Nacional, portanto ainda carece uma análise na esfera educacional em relação ao ensino da Língua Estrangeira, o que se espera que seja feito nos próximos anos, já que o Brasil passa, atualmente, por modificações na esfera educacional. Portanto, discussões ainda precisam ser feitas quando falamos especificamente do ensino da LE na Educação Infantil e Anos Iniciais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucit, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITISH COUNCIL. *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo, 2015. Disponível em:
https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf.

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. Prentice Hall Regents, 1994.

- CAMERON, L. *Teaching languages to young learners*. Cambridge: CUP, 2001.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. 3. Ed. Revista e Ampliada. Goiânia: Ed. da UFG, 2015, p.15- 48.
- GOBBI, D. *A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa*. 2001. 133 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- GÓMEZ, A. I. P. *A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas*. In: GÓMEZ, A. I. P.; SACRISTÁN, J. G. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- JACOBS, M. *Como não aprender inglês: erros comuns do aluno brasileiro*. São Paulo: MAJ Livros, 1999.
- KRAMER, K. *Quanto mais cedo melhor*. São Paulo: Mente e Cérebro, 2005.
- KRASHEN, S. D. *Principles and practice in second language acquisition*. Nova York: Prentice-Hall Internacional, 1987.
- LENNENBERG, E. *Biological foundations of language*. Nova York: Wiley and Sons, 1967.
- LIMA, A. P. Ensino de Língua Estrangeira para crianças: o papel do professor. In: *Cadernos da Pedagogia*, ano 2, vol.2, n.3 jan./jul. 2008.
- MARCHINI, A. A. *A internet como meio de ensino e aprendizagem da língua inglesa*. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) da Secretaria de Estado da Educação – Paraná. 2009. Cornélio Procópio, PR.
- PENFIELD, W. e ROBERTS, L. *Speech and brain mechanisms*. Princeton: Princeton University Press, 1959. Fontes, 1991.
- PEREIRA, A. C. S., PERES, M. R. A criança e a língua estrangeira: contribuições psicopedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem. In: *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, 2011, vol. 19, n.18, p. 38-63.
- PHILLIPS, S. *Young learners*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- PINTER, A. *Teaching young language learners*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- RIGO, Rosângela dos Santos. *A importância do ensino da língua inglesa no Ensino Fundamental*. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/autores/romasari>.

SANTOS, L. I. S. *Crenças acerca da inclusão da língua inglesa nas séries iniciais: quanto antes melhor?*. 2005, 230 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. 2005.

SANTOS, L. I. S. *Língua inglesa em anos iniciais do ensino fundamental: fazer pedagógico e formação docente*. São José do Rio Preto, 2009.

SCHAFF, A. *A Sociedade Informática*. 3. ed. (edição original europeia, 1985; 1. ed., 1990), São Paulo: Editora Unesp e Editora brasiliense, 1992.

TONELLI, J. R. A. *Histórias infantis no ensino da língua inglesa para crianças*. 2005. 358 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2005.

WRIGHT, A. *Storytelling with children*. Oxford University Press, 1997.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L.S. *Psicologia pedagógica*. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins, 2007.